

## ARTIGO

O MDB E OS "NOVOS" MOVIMENTOS  
SOCIAIS (1974-1979).

Rodrigo P. Sá Motta

Departamento de História - UFOP

Desde a formação do MDB, em 1966, houve a preocupação por parte de parcelas do partido, no sentido de estabelecer vínculos com setores organizados da sociedade. De início, este impulso era caudatário da tradição "populista" do pré-64, baseando-se em contatos a nível de cúpula com lideranças das entidades sociais. A palavra-chave neste contexto era mobilização. Colocava-se uma grande ênfase na idéia de mobilizar o povo em prol das reivindicações que estivessem em pauta no momento<sup>1</sup>. Não foi coincidência o fato do MDB ter criado em 1968 uma Comissão de **Mobilização** Popular<sup>2</sup>. A palavra expressa nitidamente o universo mental e mesmo a cultura política da qual faziam parte os políticos da oposição.

Em meados dos anos 70, contudo, emergiu uma prática política diferente, baseada na valorização da participação social e da organização popular via "bases". Se no período anterior uma das palavras-chave era mobilização, a partir desse momento as palavras **participação** e **organização** adquirem centralidade no discurso político. Esta postura renovadora, então emergente, nasceu da crítica às experiências do período "populista", denunciadas como cupulistas e manipuladoras. Militantes do movimento popular, intelectuais e parcelas da esquerda, envolvidos com essa ofensiva de questionamento das mazelas do "populismo", contribuíram para o estabelecimento de uma cultura valorizadora da participação e da organização das "bases" sociais.

Entre a intelectualidade, pela mesma época, estava se divulgando uma preocupação renovada com a questão democrática, a qual precisamente enfatizava a idéia de organização e participação popular<sup>3</sup>. Seria interessante averiguar os

<sup>1</sup> DREIFUSS, René A. *1964: A Conquista do Estado*. Petrópolis: Vozes, 1981. p.140.

<sup>2</sup> *Jornal do Brasil*, 11/04/68, p.3.

<sup>3</sup> Essa questão já foi discutida em SÁ MOTTA, Rodrigo P. "O MDB e os intelectuais". *Varia Historia* nº 12, Belo Horizonte, pp.104 a 113. Neste artigo é defendido o ponto de vista de que em meados dos anos 70, um setor importante da intelectualidade brasileira realizou uma revisão na postura adotada até então em relação às instituições democráticas. De uma postura cética e arredia no concernente aos partidos institucionalizados, por exemplo (que tinha muito a ver com a conjuntura autoritária), passa-se a uma posição mais otimista, de acreditar que valeria a pena investir no partido oficial da oposição: "... é preciso inscrever, até 31 de maio, o maior número possível de eleitores que se identificaram com o programa do MDB (...) Só assim as aspirações expressas em um gesto simbólico - o voto - começarão a ter canal de expressão social e política na sociedade. Não vou insistir sobre a óbvia importância que isso pode ter para o fortalecimento da sociedade civil (...) Devemos reconhecer que é preciso não ter medo de errar. Mesmo que, para errar e depois aprender, seja indispensável 'sujar as mãos'" (José Álvaro Moisés, OPINIÃO, 16/05/75, p.3). Como se vê, há uma ênfase na preocupação de tornar as instituições mais participativas, transformando-as em canais de expressão para as demandas da sociedade. Cf. também PÉCAUT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil*. São Paulo: Ática, 1990, p.192.

possíveis pontos de contato entre essa realidade brasileira e fenômenos semelhantes ocorridos em outros países, particularmente no mundo anglo-saxão. Entre o final dos anos 60 e início dos 70, setores ligados à "nova esquerda" começaram uma ofensiva em prol de uma democracia que fosse mais participativa. Os eixos básicos das suas reivindicações centravam-se na cobrança de uma maior participação popular nas decisões governamentais, e também por uma maior participação dos trabalhadores na gestão das indústrias. É possível que alguns intelectuais brasileiros estivessem sintonizados com esse impulso democrático-participativo vivenciado na Europa e nos EUA<sup>4</sup>. Seja como for, o fato é que no discurso da intelectualidade brasileira, a partir do início dos anos 70, termos como democracia, participação, sociedade civil, cidadania, começaram a ocupar lugar de destaque. Na mesma medida em que parcelas da intelectualidade e da esquerda defendiam uma democracia baseada no envolvimento popular efetivo, o movimento da sociedade gerava uma práxis social nova, baseada nos mesmos pressupostos de democracia participativa. O processo foi complexo e dual. Uma cultura política valorizadora da participação e da organização das bases da sociedade, emergiu da combinação entre uma prática social concreta e uma elaboração discursiva dos intelectuais.

A questão é que, em meados da década de 70, começou a surgir algo de novo no cenário da sociedade brasileira com um investimento na questão democrática, tanto em termos teóricos quanto práticos, até então nunca visto em tal intensidade. A vitória eleitoral do MDB, em 1974, foi um marco decisivo nesse processo. Ela contribuiu para avivar a consciência democrática, dando ânimo para que muitos setores sociais, até então céticos ou apáticos, se manifestassem politicamente. É nessa perspectiva que se apresentaram as ações da ABI e da OAB, por exemplo, colocando-se publicamente a favor do retorno das liberdades democráticas. No entanto, não estamos sugerindo que antes de 1974 não houvesse qualquer atividade por parte das entidades civis. A CNBB, bem antes dessa data, já externava, publicamente, algumas posições contrárias às políticas governamentais. Mas o fato é que as eleições de 1974 impulsionaram a luta democrática, na medida em que foram uma demonstração clara da insatisfação da população em relação ao Estado. Aqueles que já tinham uma postura crítica tiveram seu ânimo redobrado, percebendo que o sentimento oposicionista se alastrava por toda a sociedade.

---

<sup>4</sup> MACPHERSON, C.B. *A Democracia Liberal. Origens e Evolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p.97.

É preciso destacar que o impulso de organização e o ânimo democrático que "bafejou" a sociedade brasileira a partir de meados da década de 70, não se restringiu a entidades de grande expressão pública como a OAB e a ABI. A experiência democrática desse período vai ser extremamente rica, porque vai envolver também formas de organização social inéditas, pelo menos na escala em que ocorreram. Floresceram entidades como Associações de Bairro, Comunidades Eclesiais de Base, movimentos de protesto contra o alto custo de vida, movimentos pró-anistia<sup>5</sup>. Além dessas organizações, que tinham uma existência totalmente autônoma em relação ao Estado, emergiu de dentro do movimento sindical um grupo renovador. Esses novos líderes, congregados em torno da figura de Lula, pretendiam estabelecer uma prática sindical inovadora. Atuando por dentro da estrutura sindical oficial, propunham-se a questioná-la, investindo forte na organização de bases sindicais<sup>6</sup>. A intenção era democratizar os sindicatos aproximando-os de maneira orgânica da massa de trabalhadores.

Apesar da heterogeneidade desses movimentos, havia algo de comum a uní-los. Todos conferiam alto valor às práticas democráticas, e apostavam no envolvimento de suas bases sociais com as respectivas entidades. Além disso, havia uma desconfiança generalizada com relação à política institucional, encarada como a instância da manipulação e do autoritarismo. Na sua prática, esses movimentos - que alguns autores chamam de "novos movimentos sociais" - colocaram em questão o autoritarismo reinante na sociedade brasileira, dando uma importante contribuição para a luta pela democratização.

Pois bem, o nosso intento é analisar as relações entre o MDB e esse impulso democrático-participativo que aflorou no fim dos anos 70. Como já foi dito, a vitória do MDB em 1974 se constituiu num importante alento para a organização e a mobilização das entidades da sociedade. Mas, esse processo foi de mão dupla, na medida em que o florescimento dos movimentos sociais refletiu positivamente para o MDB. Alguns setores do partido foram influenciados pelo impulso social que colocava um novo enfoque sobre a questão democrática. Muitos políticos emedebistas começaram a se preocupar com a participação popular nas discussões políticas, e com o fortalecimento da organização da própria sociedade. Iniciativas foram tomadas no sentido de transformar o MDB num partido orgânico, que guardasse ligações estreitas com o movimento social. Neste particular, as

---

<sup>5</sup> É preciso ressaltar que este fenômeno praticamente se restringia aos grandes centros urbanos. Com relação a São Paulo, ver SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena*. São Paulo: Paz e Terra, 1988. No que se refere à realidade do Rio de Janeiro, ver RIBEIRO, A. C. Torres. "Movimentos sociais - velhas e novas questões no espaço do Rio de Janeiro" In VIOLA, E. J. (et alii). *Crise política, movimentos sociais e cidadania*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1989.

<sup>6</sup> ANTUNES, Ricardo. *A Rebelião do Trabalho*. São Paulo: Ensaio, 1988.

eleições municipais de 1976 se constituíram num momento marcante. Várias foram as manifestações que ocorreram no interior do partido, no sentido de obter uma aproximação com o movimento social. Todas confluíam para uma preocupação com o estabelecimento de mecanismos democráticos de administração municipal,<sup>7</sup> procurando, ao mesmo tempo, democratizar o poder e enraizar socialmente o MDB. Durante o período eleitoral daquele ano, o setor jovem do MDB de São José dos Campos divulgou um "Programa alternativo de Governo do MDB dos municípios":

"... o projeto de fortalecimento orgânico do MDB no município deve exercitar e colocar em funcionamento a estrutura partidária prevista pela legislação e pelo estatuto, com a criação, organização e funcionamento dos Conselhos Fiscais e Consultivo, dos Departamentos Estudantil (ou Juventude Democrática), Trabalhistas e Feminino, do IEPES e dos diretórios distritais...".<sup>8</sup>

O documento continua afirmando que os diretórios deveriam deixar de ser meras clientelas de candidatos específicos e deveriam procurar se ligar efetivamente à população, valorizando as lutas urbanas locais como um elemento importante para o conjunto da luta democrática. Como se vê, tratava-se de uma tomada de consciência da importância da participação popular para a conquista efetiva da democracia, e um esforço no sentido de reciclar o MDB, para que o partido tivesse condições de acompanhar o movimento social emergente.

Ocorreram também outras manifestações de setores emedebistas propondo um relacionamento de novo tipo entre partido e sociedade. Neste sentido, destacou-se um discurso proferido na Câmara Federal pelo deputado paulista Airton Soares, posteriormente fundador do Partido dos Trabalhadores. Em sua manifestação o deputado afirmou que a população procurava a participação política organizada, fenômeno demonstrado pela proliferação das Sociedades de Bairro, das Comunidades Eclesiais, dos Clubes de Mães. Sugeriu que o MDB deveria se aproximar dessas organizações sociais, mas de maneira democrática, discutindo, ouvindo e propondo, e não cooptando, como fazia o Estado. Propôs também a necessidade de manterem constantemente canais abertos entre as organizações sociais e os parlamentares eleitos pelo partido, de modo a que estes pudessem expressar bem os anseios populares. Para que isto fosse possível, as organizações de

---

<sup>7</sup> "O MDB do Rio Grande do Sul tem realizado vários seminários para os candidatos a prefeito e a vereador no estado. No primeiro desta série, que teve a participação maciça de cerca de 2.000 pessoas, o IEPES, órgão de estudos do partido e a Assessoria Técnica do MDB do R.S. elaboraram um extenso trabalho sobre o MDB no poder municipal, que foi amplamente discutido pelos participantes. Opinião pública abaixo trechos dos capítulos 'Diretrizes básicas de uma administração de Oposição' e 'A participação popular na administração municipal', no sentido de que um maior número de pessoas tome conhecimento do trabalho que vem sendo realizado pelo partido de oposição." OPINIÃO, 24/09/76, p.3.

<sup>8</sup> MOVIMENTO, 22/11/76, p.12.

base do Partido e da comunidade deveriam, juntas, acompanhar o trabalho legislativo do parlamentar eleito com o seu apoio. Deveriam ser mantidos contatos periódicos entre o parlamentar e sua base social, nos quais ele prestaria contas de suas ações e ouviria as demandas das entidades de base.<sup>9</sup>

Da mesma forma que setores do MDB procuravam acompanhar o impulso de democratização vivenciado pela sociedade brasileira, os movimentos sociais, inclusive os "novos", por seu turno, começaram a se interessar mais pelo partido. A aproximação entre o MDB e as entidades sociais só foi possível, pelo fato de a imagem pública do partido ter se alterado ao longo da década de 70. No início, apesar do esforço de muitos de seus membros, o MDB era pouco considerado pelos grupos organizados da sociedade, particularmente pela intelectualidade. Em meados da década, contudo, essa opinião se alterou bastante, e o partido começou a ser encarado sob outro prisma.

O fato é que mudou tanto o MDB, e a imagem pública por ele projetada, quanto a própria sociedade, que começou a se organizar para reivindicar direitos políticos e sociais. O "surgimento" do MDB, depois de 1974, com uma imagem de partido mais atuante, mais agressivo, e também vigoroso política e eleitoralmente, aumentou muito seu poder de atração. Os movimentos sociais, principalmente através de suas lideranças, começaram a gravitar em torno do partido, e a considerar aceitável atuar nele. O MDB passou a ser encarado como uma frente democrática de fato, e como um instrumento válido na luta anti-ditatorial.

Assim, muitos dos movimentos sociais reivindicativos, então em pleno florescimento, optaram por lançar candidatos pelo partido, aproveitando o espaço legal fornecido pelo MDB. Foram articuladas algumas candidaturas ligadas aos movimentos sociais, que mantinham com estes uma relação muito estreita:

"... a campanha eleitoral mostrou-se um lugar adequado para a concretização de novos tipos de relacionamento do 'povo com o povo', principalmente porque determinadas candidaturas se articularam em cima deste projeto 'autonomista', com setores sociais condicionando seu apoio a certos candidatos à aceitação por parte destes de um programa mínimo de reivindicações. Neste sentido, estas candidaturas e esta prática retomam esta nova tradição da política brasileira, livre dos mais sérios vícios populistas ...".<sup>10</sup>

Nesta matéria publicada no jornal OPINIÃO, o articulista faz uma análise do relacionamento entre o MDB e os movimentos populares, no período

---

<sup>9</sup> Anais da Câmara dos Deputados, 11/08/76, vol.IX, p.7104.

<sup>10</sup> OPINIÃO, 12/09/76, p.3.

eleitoral de 1974 e 1976. Ele destacou o fato de algumas candidaturas emedebistas terem sido apoiadas por entidades do movimento social, as quais inclusive influenciaram nos programas dos candidatos. Chamou atenção para o fato deste fenômeno ser novo na tradição política brasileira, o estabelecimento de vínculos diretos entre líderes políticos e bases sociais. E sugeriu mais, esta nova prática rompia com os "vícios" do populismo, uma vez que o movimento popular não estaria mais sendo conduzido por líderes que diziam traduzir seus interesses, ao contrário, estaria encaminhando um projeto autônomo.

De fato, nas eleições de 1976, de âmbito municipal, o MDB acolheu algumas candidaturas de elementos egressos dos movimentos sociais<sup>11</sup>. No município de São Paulo, por exemplo, vários candidatos a vereador pelo MDB tinham ligações com entidades sociais<sup>12</sup>. Contudo, foi nas eleições de 1978 que se deu o momento de maior intensidade na relação do partido com os movimentos sociais. Nessas eleições, foi bastante significativo o número de candidatos do MDB comprometidos com as entidades populares. No pleito de 1976, alguns movimentos sociais apoiaram candidatos emedebistas, não querendo ou não tendo condições de lançar nomes próprios. Em 1978, quase todos apresentaram-se com candidatos próprios, disputando vagas parlamentares com elementos formados nos seus quadros<sup>13</sup>. Chegou-se inclusive a lançar um movimento visando à coordenação das "candidaturas populares" do MDB, englobando os diversos movimentos sociais envolvidos:

"O movimento, que deverá se denominar 'Comitê de Candidaturas Populares', reúne os diretórios distritais do MDB da freguesia do Ó e da Bela Vista, os DCEs da PUC e da USP e a Frente Nacional do Trabalho, além de pessoas ligadas ao Movimento do Custo de Vida, à Pastoral do Mundo do Trabalho e a outros trabalhos de base. O Comitê se propõe, entre outros objetivos, a

---

<sup>11</sup> Contudo, houve um candidato a vereador em São Paulo, de origem operária e militância cristã (Valentim Morcelli), que foi impugnado pelo diretório municipal do MDB. Houve protestos na época. OPINIÃO, 03/09/76, p.5.

<sup>12</sup> OPINIÃO, 13/08/76. Uma matéria publicada nesta edição arrola os candidatos oriundos dos movimentos sociais:

- . Uma advogada da Associação de Feirantes;
- . Um representante da Associação dos Fiscais de Renda do Estado;
- . Um ex-presidente do C.A. da Faculdade de Direito;
- . Um representante do Plenário das Associações de Bairro da Zona Sul;
- . Um ex-representante dos alunos de Ciências Sociais;
- . Um conselheiro da OAB.

<sup>13</sup> "O canal partidário de todos esses movimentos populares, isso tudo afinilava lá no MDB. Era o canal partidário. E começaram a aparecer candidatos. (...) Isso tudo desaguou nas eleições de 1978. Foi a primeira que já incorporou reivindicações trazidas a partir de uma base da organização da sociedade." Edgard Amorim (ex-deputado federal pelo MDB). Depoimento ao autor, Belo Horizonte, dezembro de 1992.

elaborar uma plataforma mínima para todos os candidatos populares e a coordenar a campanha destes candidatos".<sup>14</sup>

Efetivamente, as eleições de 1978 foram um marco na trajetória do MDB no que diz respeito ao seu relacionamento com a sociedade. Constituíram-se no momento em que o contato do partido com as entidades sociais foi mais rico, quando ocorreu um envolvimento generalizado dos movimentos sociais com a campanha eleitoral do MDB<sup>15</sup>. Os movimentos populares (dos grandes centros urbanos naturalmente) lançaram diversos candidatos, a maioria dos quais foi eleita:

"As lutas populares de São Paulo - dos metalúrgicos contra o sindicato pelego, dos professores organizando-se em associações, dos jornalistas contra os abusos policiais (...), dos estudantes em suas entidades e do Movimento Contra a Alta do Custo de Vida e pela legalização dos lotes clandestinos -entraram decididamente na luta eleitoral. Praticamente todos eles elegeram seus representantes. Com a vitória nas urnas, todos esses movimentos se enchem de entusiasmo, querem manter seus comitês eleitorais funcionando e prosseguir no seu trabalho político que, em muitos casos, chegou a reunir equipes de até 3 mil pessoas".<sup>16</sup>

A campanha foi marcada por uma participação popular como há muito não se via. Milhares de pessoas se envolveram, militando pelas diversas candidaturas. Além disso, ocorreram eventos de massa no seu transcorrer, como passeatas e comícios, fenômenos políticos que durante o autoritarismo praticamente tinham desaparecido<sup>17</sup>. Este processo foi muito positivo para as lideranças, os militantes e os movimentos populares envolvidos, na medida em que contribuiu para o fortalecimento das experiências democráticas então em curso. A participação nas eleições representou um grande aprendizado político, um teste importante. Os

---

<sup>14</sup> MOVIMENTO, 13/03/78, p.6. A coordenação das candidaturas populares em São Paulo, foi facilitada pelo fato de que havia um candidato a Senador (Fernando Henrique Cardoso), que recebeu o apoio de todos os setores "populares". Esta candidatura funcionava como uma espécie de ponto de convergência. No Rio de Janeiro e em Belo Horizonte também houve uma coordenação das chamadas candidaturas populares.

<sup>15</sup> Os grupamentos de esquerda também se engajaram profundamente nas eleições de 1978. Na verdade, havia um contato estreito entre a esquerda, principalmente a "nova" (isto é, aqueles setores críticos em relação à tradição comunista), e os movimentos populares. Muitas vezes os dois grupos apoiavam os mesmos candidatos. O conjunto de fatores que possibilitaram uma maior aproximação da esquerda e dos movimentos populares em relação ao MDB foi basicamente o mesmo.

<sup>16</sup> MOVIMENTO, 27/11/78, p.6. Foram eleitos, por exemplo, candidatos ligados ao movimento sindical, ao associativismo de bairros, ao movimento estudantil e ao movimento de base da Igreja:

*"Embora as declarações oficiais reafirmassem a premissa de que a Igreja não faz opção político-partidária (...) pelo menos dois candidatos paulistas à Câmara Federal e à Assembléia Legislativa se beneficiaram do trabalho de base desenvolvido pela Igreja: o metalúrgico Aurélio Peres e a professora Irma Passoni (...)"*. JB, 21/11/78, p.5.

<sup>17</sup> A imprensa noticiou a realização de passeatas do MDB no Rio de Janeiro (1.000 pessoas), Recife (8.000 pessoas), comícios em Osasco (com a presença de Lula) e novamente em Recife (20.000 pessoas). JB, de 11/11/78 a 15/11/78.

líderes que emergiam do movimento social foram testados eleitoralmente, tendo oportunidade de consolidar sua liderança e mesmo aumentar o seu raio de influência. Ao mesmo tempo, abriu-se a oportunidade para que as demandas e reivindicações dos movimentos sociais ganhassem mais espaço político, na medida em que seus representantes começavam a ocupar canais institucionais oficiais.

O fato é que efetivamente o período pós-74 foi marcado por uma transformação nas relações entre o MDB e as entidades sociais, e mesmo com a sociedade de um modo geral. Houve uma aproximação significativa entre o partido e os movimentos sociais, que se deu sob o pano de fundo de uma "nova" prática democrática, a qual colocava grande ênfase na participação e na organização.

No entanto, esse processo foi marcado por limitações. Ainda que tenha havido um crescimento orgânico do partido significativo, o seu relacionamento com os setores sociais citados não foi tranquilo. Usando uma linguagem metafórica, diríamos que houve um namoro, mas não um casamento. O envolvimento das lideranças sociais com o partido foi marcado por uma tensão constante que impediu o estabelecimento de laços orgânicos mais duradouros. Havia uma série de barreiras que dificultavam o convívio entre partido e entidades sociais as quais, no seu conjunto, explicam por que fracassaram as tentativas de transformar o MDB no representante daquelas.

Há que considerar, em primeiro lugar, as limitações apresentadas pelo próprio partido. Em certa medida, o MDB foi incapaz de acompanhar as transformações pelas quais passava a sociedade brasileira, no sentido de tornar-se um partido democrático moderno. Ele não apresentou as condições necessárias para superar seus vínculos com a política tradicional, mantendo-se ligado às práticas clientelísticas, e dependendo do prestígio de algumas personalidades singulares. Alguns setores do partido, como vimos, tentaram conduzi-lo no rumo de práticas democráticas modernas, procurando criar laços orgânicos com o movimento social. No entanto, essas iniciativas mantiveram-se numa posição minoritária, considerado o conjunto do partido:

"Na verdade, o MDB foi tão incapaz de produzir um projeto alternativo quanto de pôr em prática um tipo de relacionamento com os setores populares que o diferenciasse nitidamente do outro partido. Tanto do projeto quanto de um novo modo de atuação pode-se encontrar embriões na campanha de 1974, como na atual, no novo tipo de relacionamento entre uma forma de organização política ligada ao Estado e as associações locais, que caracterizou a campanha em alguns lugares.

Não resta dúvida, porém, que estes elementos embrionários viram-se francamente superados, no conjunto da atuação do partido oposicionista, por uma outra prática, incapaz de preannunciar um outro projeto e de concretizar uma nova forma de relação política com as chamadas bases."<sup>18</sup>

As limitações internas ao MDB, no sentido do estabelecimento de vínculos democráticos com a sociedade, são reveladas por seus próprios membros. Aqueles emedebistas que apostavam numa nova prática partidária, frequentemente questionavam a inércia e o imobilismo do partido como um todo, e particularmente a sua direção. Muitos deputados eleitos em 1978, por exemplo, reclamaram da atuação do partido, afirmando que era necessário estabelecer um vínculo maior com a sociedade. Naquele pleito foram eleitos alguns deputados ligados aos movimentos populares, e eram precisamente estes a levantar a voz<sup>19</sup>. Eles chamavam atenção para o problema de que o crescimento orgânico que o MDB experimentara desde 1974, tinha se restringido praticamente aos momentos eleitorais. Fora do calendário eleitoral, o partido raramente mobilizava seus militantes e simpatizantes. Entretanto, estas vozes questionadoras não eram nem numerosas nem fortes o suficiente para provocar uma mudança no partido como um todo.

Há que se levar em consideração a existência de constrangimentos por parte dos movimentos sociais dificultando uma maior integração com o MDB. O movimento social organizado que emergiu ao longo da década de 70 tinha, de uma maneira geral, uma postura arredia em relação às instituições políticas oficiais. Nutriam uma desconfiança básica contra a política institucional, considerada elitista e desvinculada dos interesses do povo. Em contraposição, valorizavam sobremaneira a dinâmica dos seus movimentos associativistas, estruturados a partir de uma democracia participativa que envolvia a organização das "bases". Não cabe aqui discutir os aspectos negativos desse processo, que levou a uma mitificação dos "novos" movimentos sociais, com o estabelecimento de um verdadeiro culto ao autonomismo e ao basismo<sup>20</sup>. É provável que estas características tenham se desenvolvido como uma reação à experiência autoritária, que durante anos sufocou os anseios democráticos da sociedade brasileira. Em função disso, não é nada surpreendente que os movimentos sociais desconfiassem do Estado. Por outro lado, a valorização da democracia de bases também representava uma reação à experiência populista, que foi marcada por um investimento maior na mobilização social, e menor na organização e na participação democráticas.

---

<sup>18</sup> OPINIÃO, 12/09/76, p.3.

<sup>19</sup> JB, 04/02/79, p.4.

<sup>20</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. "Os Partidos políticos e a participação popular" In FLEISCHER, David (org.) *Os Partidos Políticos no Brasil*. Brasília: Ed. UnB, 1981, v.II.

De qualquer modo, o fato é que o preconceito existente em relação às instituições políticas abarcava também o MDB, que afinal de contas era um partido institucionalizado, e portanto, partícipe do aparato estatal. Além do mais, sobre o MDB pesava a mácula de ser um partido de oposição oficial, consentido pelo Estado autoritário, o qual teria inclusive colaborado para o preenchimento dos requisitos mínimos de registro do partido. Por mais que tivesse mudado a imagem do MDB depois de 1974, permaneceram resistências em certos setores do movimento social quanto à participação no partido. Podemos ver isso no texto de um jornalista da imprensa alternativa, que analisou, em um artigo no jornal, os esforços de setores do MDB no sentido de dar ao partido alguma organicidade social. Depois de relatar a experiência de um dos grupos renovadores do MDB, que procuravam ligar o partido aos movimentos sociais, ele pergunta: "... valeria a pena arriscar toda essa tarefa por um saco de gatos como o MDB? Não seria mais lúcido dirigir a luta pela maior participação popular e pela democracia para fora da agremiação oposicionista?"<sup>21</sup> Foi basicamente essa a questão que se colocaram os militantes dos movimentos sociais, e setores da intelectualidade e da esquerda. Valia a pena investir no MDB, tentar transformá-lo numa organização de massas? Valia a pena dirigir os movimentos e as lideranças populares para dentro do partido? Não seria um erro comprometer todo um trabalho de organização com um partido que, além de não inspirar muita confiança, era extremamente heterogêneo?

As reticências quanto ao envolvimento com o MDB foram fortalecidas na medida em que emergiu o debate sobre a reforma partidária. Setores do movimento social - os intelectuais, a esquerda, os estudantes, sindicalistas, líderes das entidades de "base" - começaram a elaborar o projeto da criação de um novo partido, de corte popular, democrático e socialista. A idéia era que esse partido nascesse a partir do movimento social, tornando-se assim mais legítimo que o MDB. O entendimento corrente era que o MDB vinha de "fora" e de "cima" pretendendo se ligar às organizações sociais, isto é, ele era externo a elas e fazia parte do universo das elites políticas. Entre 1977 e 1978, a idéia se transformou em uma articulação política, envolvendo importantes lideranças sociais<sup>22</sup>. Ao mesmo tempo, nos "laboratórios" políticos do Regime Militar estava sendo gestado um plano de reforma partidária, cujo objetivo primeiro era provocar a implosão da frente oposicionista representada pelo MDB. O crescimento do MDB a partir de 1974 assustava muito, porque corria-se o sério risco dele se tornar majoritário no Parlamento. Assim, com a liberdade para a criação de novos partidos, explorar-se-iam as rivalidades naturais existentes entre os diversos grupos que compunham a oposição, provocando o seu fracionamento partidário.

---

<sup>21</sup> MOVIMENTO, 22/11/76, p.12.

<sup>22</sup> AMORIM, Edgar. Depoimento citado.

Dessa maneira, a intenção de criar um novo partido no campo popular, de início difusa, foi se consolidando, na medida em que ficava clara a intenção do regime militar de extinguir o bipartidarismo. O próprio governo se encarregou de espalhar boatos sobre a futura reforma partidária<sup>23</sup>, com o intento de estimular os grupos que pretendiam criar novas agremiações<sup>24</sup>. Nestas condições, a tendência refratária que existia nos movimentos sociais em relação ao MDB se fortaleceu. Não fazia muito sentido investir seriamente no partido, uma vez que a reforma partidária, como tudo indicava, estava próxima.

A conjunção dos fatores citados, fez com que a relação do MDB com os movimentos sociais ficasse restringida ao superficial, não ocorrendo um aprofundamento. Muitas lideranças sociais se filiaram ao partido, mas a maioria o fez mais para usar a cobertura legal da legenda para viabilizar suas candidaturas, do que por convicção de militar no MDB. Alguns dos movimentos sociais que lançaram ou apoiaram candidatos emedebistas, deixavam claro o fato de terem compromissos apenas com estes, e não com o conjunto do partido<sup>25</sup>. Com a reforma partidária na ordem do dia, alguns dos setores populares envolvidos com o projeto de criação de novos partidos adotaram a tática de usar o MDB para eleger seus candidatos, de forma a que dispusessem de espaço parlamentar na hora que a reformulação chegasse<sup>26</sup>. Portanto, a vinculação orgânica do MDB com as organizações sociais praticamente se restringia a contatos com suas lideranças, algumas das quais se elegeram através do partido<sup>27</sup>. Um envolvimento direto com as bases desses movimentos virtualmente não existia.

Assim, apesar de ter ocorrido um processo efetivo de crescimento orgânico envolvendo o MDB, ele foi limitado. Os contatos com o movimento social restringiram-se basicamente ao calendário eleitoral, quando a campanha provocava mobilização e militância, e ao lançamento de candidaturas a ele vinculadas<sup>28</sup>. Não

---

<sup>23</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. A Questão dos partidos. *CONTEXTO*, nº 5, março de 1978, p.1.

<sup>24</sup> No campo da oposição, havia basicamente três grupos que se preparavam para disputar espaço com o MDB. Além da articulação ligada aos movimentos populares, que deu origem ao Partido dos Trabalhadores, havia também o grupo de Leonel Brizola, interessado em recolher o espólio do trabalhismo, e o capitaneado por Tancredo Neves, que visava a criação de um partido de centro.

<sup>25</sup> CARDOSO, op. cit., 1981, p.60.

<sup>26</sup> "A idéia é aproveitar o ano político. Apoiar candidatos que se proponham a aproveitar a campanha eleitoral para propagandear idéias socialistas e ser o elo de ligação para criação do PS (Partido Socialista) ..." Marcos Faerman, entrevista a *MOVIMENTO*, 05/02/77, p.3.

<sup>27</sup> SOARES, Airton (ex-deputado federal pelo MDB). Depoimento ao autor, São Paulo, fevereiro de 1993.

<sup>28</sup> Alguns setores do MDB parecem ter conseguido desenvolver um trabalho de organização mais profundo em relação a alguns setores populares. Teria sido o caso do diretório distrital do MDB na Freguesia do Ó, no município de São Paulo. FERREIRA, Neli M. "O MDB da Freguesia do Ó", XVII Simpósio Nacional da ANPUH, São Paulo, 1993.

houve um envolvimento do conjunto do partido com as entidades sociais, apenas de alguns setores<sup>29</sup>.

Com a criação do Partido dos Trabalhadores, em 1980, o MDB - e o PMDB, que em vários aspectos foi seu continuador - ganhou um concorrente de peso no campo popular, que absorveu boa parte do trabalho organizativo dos movimentos sociais. De certa forma, o PT foi criado pelos movimentos sociais, daí o seu apelo ser muito forte nestes setores. O PT inclusive absorveu e incorporou segmentos que atuavam no MDB<sup>30</sup> os quais procuravam fazer neste partido um trabalho de articulação com as entidades sociais. Porém, isto em nada diminuiu a importância do papel desempenhado pelo MDB, na medida em que ele foi o canal institucional através do qual se expressou o sentimento oposicionista e democrático da sociedade brasileira nos anos 70. O MDB, graças à atuação de alguns destemidos parlamentares, forneceu exemplo e alento para que outras forças democráticas também se mobilizassem. Além disso, forneceu espaço para que líderes oriundos dos movimentos populares entrassem na política institucional, de maneira a que ganhassem experiência para futuros "vôos".

---

<sup>29</sup> "O MDB, enquanto partido, ficou em geral à margem destes movimentos. Quase sempre, entretanto, deputados, senadores e candidatos do MDB participaram intensamente das mobilizações, enquanto indivíduos." CARDOSO, loc. cit.

<sup>30</sup> DELGADO, Tarcísio (ex-deputado federal pelo MDB). Depoimento ao autor, Belo Horizonte, abril de 1993.